

## CORTAR A GUINÉ EM QUATRO OU COMO A COLONIZAÇÃO IMAGINOU A ÁFRICA<sup>1</sup>

Odile Goerg

**Tradução: Bernard Teixeira Coutinho**

Faculdade de Formação de Professores, Universidade Estadual do Rio de Janeiro  
João Pessoa, Paraíba, Brasil  
E-mail: [plumuarte@hotmail.com](mailto:plumuarte@hotmail.com)

### Resumo

Impregnados pelas teorias que dominam a França na virada do século XX, viajantes e publicistas descobrindo a Guiné tanto quanto os administradores, construíam uma visão da colônia que se encaixava no modelo francês, o da invenção dos "países". Este artigo explora as raízes coloniais da divisão da Guiné em quatro regiões ditas naturais e segue seus avatares até os tempos contemporâneos. Essa divisão geográfico-administrativa, que se inscreve numa herança histórica e cultural, teve um impacto na representação do país e de suas populações, nas identidades regionais e, posteriormente, em determinadas escolhas políticas. A descoberta do processo de quadripartição da Guiné, que sobreviveu à independência, é oferecida como exemplo para abordar outras construções semelhantes e questionar a etnicização contemporânea da política na África.

**Palavras-chave:** "país"; Guiné; categorização; etnicidade; identidade.

### Résumé

Imprégnés des théories qui dominent en France au tournant du 20<sup>e</sup> siècle, voyageurs et publicistes découvrant la Guinée, tout autant qu'administrateurs, construisirent une vision de la colonie correspondant avec le modèle français, celui de l'invention des "pays". Cet article explore les racines coloniales de la division de la Guinée en quatre régions dites naturelles et en suit les avatars jusqu'à l'époque contemporaine. Ce découpage géographico-administratif, qui s'inscrit dans un héritage historique et culturel, eut un impact sur la représentation du pays et de ses populations, sur les identités régionales, et par la suite, sur certains choix politiques. La mise au jour du processus de quadripartition de la Guinée, perpétuée au-delà de l'indépendance, offre un exemple pour approcher d'autres constructions similaires et interroger l'ethnisation contemporaine du politique en Afrique.

**Mots-clés:** "pays"; Guinée; catégorisation; ethnicité; identité.

No tempo da colonização francesa, a divisão da Guiné em quatro regiões se espalhou, em particular a partir da década de 1920. Essa divisão administrativa e étnica procedeu por simplificação. No entanto, ela perdura após a independência de 1958 e seu simbolismo ainda impregna a vida cotidiana. A partir do exemplo guineense, a autora defende uma história de heranças coloniais.

---

<sup>1</sup> GOERG, Odile. Couper la Guinée en quatre ou comment la colonisation a imaginé l'Afrique. *Vingtième Siècle. Revue d'histoire*, v. 3, n. 111, 2011, p. 73-88. Tradução: Bernard Teixeira Coutinho, professor substituto do Departamento de Geografia da Faculdade de Formação de Professores, UERJ.

*Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente*, n. 43, v. 2, p. 191-209, mai-ago, 2021.

ISSN: 2176-5774

“A exclusão de qualquer guineense não é garantia de estabilidade. A Guiné parece um carro com quatro rodas”, proclamou um dos candidatos às eleições presidenciais em 2010<sup>2</sup>.

Há poucos meses, um quadro publicitário exibindo quatro rostos de mulheres espalhava-se nas ruas de Conacri; a imagem atrai a atenção e intriga (ver documento 1)<sup>3</sup>. Não há originalidade no fato de as mulheres serem usadas pelo seu valor metonímico. A história nos acostumou a vê-los simbolizando um valor (a justiça, a caridade), uma nação (*Marianne, Germania*) ou qualquer outro elemento. Para quem conhece a Guiné, a decifração é, neste caso, fácil: as quatro mulheres, reconhecidas por seus trajés, fazem referência às quatro regiões que constituem a representação do país convencionada há décadas. Diversidade na unidade da nação, mas também estereótipos das populações e, portanto, simplificação dos dados demográfico-culturais são as mensagens implícitas.

Antes da publicidade e da retórica política terem se apropriado desse modo de representação nacional, outras mídias o transmitiam (discursos oficiais, diferentes escritos, pesquisas), pois simbolizavam uma visão generalizada da Guiné (ver documento 2). O objetivo, aqui, não é analisar o processo de construção nacional após a independência, conquistada após a ruptura com a França em 1958, ou a relação específica entre saber e poder sob a colonização<sup>4</sup>, mas explorar as raízes coloniais dessa categorização e seguir os seus avatares até o período contemporâneo. Trata-se de examinar a forma como a divisão da Guiné deriva da transposição além-mar do processo de invenção dos "países", combinação de uma descrição sócio-etnográfico-geográfica, na linha de Paul Vidal de la Blache (1845-1918) e Frédéric Le Play (1806-1882), e de uma abordagem administrativa. O fim do século XIX, contemporâneo da afirmação colonial, coincide com a evidência de um novo "modo de divisão do globo", que é a região, de bases naturalistas, tanto geográficas quanto sociais,

---

<sup>2</sup> El hadj Bah Ousmane, candidato da União para o Progresso e Renovação (UPR), 20 maio 2010 (<http://guineenouvelle.info>).

<sup>3</sup> Visto em 2008 nas ruas de Conacri, este anúncio da Sotelgui [Sociedade das Telecomunicações de Guiné] também foi divulgado na imprensa.

<sup>4</sup> Diversos autores analisam a produção de saberes em situação colonial, apropriados pelas administrações ou postas em cena tendo como destino os públicos locais e metropolitanos (museus, cartas postais, obras de divulgação). Ver, particularmente, Benoit de L'Estoile, *Le Gout des autres: l'exposition coloniale aux arts premiers*, Paris, Flammarion, 2007; Emmanuelle Sibeud, *Une science impériale pour l'Afrique? La construction des savoirs africanistes en France (1878-1930)*, tese de doutorado, Paris, EHESS, 2002; Marie-Albane de Suremain, *L'Afrique en revues: le discours africaniste français, des "sciences coloniales" aux sciences sociales (anthropologie, ethnologie, géographie humaine, sociologie)*, 1919-1964, tese de doutorado em História, Université Paris-VII, 2001; *id.*, "Faire du terrain en AOF dans les années cinquante", *Ethnologie française*, 34 (4), 2004, p. 651-659.  *Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n. 43, v. 2, p. 191-209, mai-ago, 2021.*

abandonando as bases histórico-políticas ou centradas em bacias hidrográficas<sup>5</sup>. Impregnados das teorias que dominam na França, na virada do século XX, viajantes e publicistas, descobrindo a Guiné tanto quanto os administradores, se esforçaram para oferecer uma visão de colônia condizente com o modelo francês. Essa representação, ainda que com a independência, perdura.

A partilha da Guiné em quatro regiões “naturais” (Guiné Marítima, Guiné Central, Alta Guiné e Guiné Florestal) coloca-se como uma evidência desde os anos de 1920: ela também pode ser encontrada nas obras que cuidam de apresentar o país, produzidas na Guiné ou no exterior, em linguagem popular. Ora, essa divisão, resultado de uma construção intelectual cujas raízes são pré-coloniais, passando por diversas memórias históricas, interfere com a representação do país e de suas populações, as identidades regionais ou locais, até mesmo as opiniões políticas. Sem superestimar o agente colonial nesse processo de nomeação e de organização dos espaços e das populações, é importante descobrir a gênese dessa herança e explorar o que se coloca como novo. Essa abordagem da arqueologia do saber – para usar a expressão de Michel Foucault –, pela qual podem ser identificados não apenas as fontes, mas também o substrato intelectual, possibilita a compreensão dos fenômenos de perpetuação, de modificação e reapropriação das categorias.

Medir o impacto da fragmentação regional e seus efeitos em diferentes escalas é complexo, pois este elemento categorial funciona num conjunto de referências possíveis e seu poder performativo pode variar. O indivíduo em sua aldeia ou em seu bairro, ou o administrador em seu escritório ou no campo não necessariamente se situam em relação a uma divisão que estaria mais atrelada à comodidade de uso externo do que uma abordagem com finalidade diretamente administrativa ou política. No entanto, essa categorização marca os espíritos e desempenha um papel no surgimento ou no fortalecimento das identidades regionais, cujos contornos oscilam.

## **A construção da quadripartição colonial**

Frequentando intensamente a África Ocidental, comerciantes, viajantes, soldados e missionários deixam relatos detalhados das regiões percorridas. No século XIX, seus escritos estão repletos de descrições minuciosas da vegetação, do relevo, das atmosferas e das pessoas

---

<sup>5</sup> Marie-Vic Ozouf-Marignier et Marie-Claire Robic (dir.), *Regions naturelles et noms de pays: étude sur la région parisienne*, pref. de Lucien Gallois, Paris, Ed. du CTHS, 2008, p. xxii.

*Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n. 43, v. 2, p. 191-209, mai-ago, 2021.*

conhecidas, então voltadas tanto para a construção do saber científico específico quanto pelo objetivo de conquista<sup>6</sup>. Entre os estuários e as áreas de mangue da costa, os contrafortes do maciço interior, os vales cortados pelo Níger ou pelo Tinguisso, o planalto da hinterlândia e, finalmente, a mais de oitocentos quilômetros da costa, os trechos de floresta, a natureza oferece múltiplas facetas.

A Guiné impressiona pela diversidade de suas paisagens, de suas culturas e de sua história. No início do século XX, as duas monumentais obras de André Arcin, ex-administrador, demonstram a incapacidade de captar o ambiente físico e humano da Guiné em algumas frases esquemáticas<sup>7</sup>. Em menos de meio século, essa abordagem minuciosa deu lugar a uma organização que responde à lógica taxonômica herdada dos iluministas. Nomear e categorizar funcionam como ferramentas do e de poder<sup>8</sup>. Manejadas pelos dominantes, elas servem para estabelecer sua presença, para fixar as formas ou os contornos por sua força performativa<sup>9</sup>. Considerar a Guiné como um espaço apto a ser representado com facilidade induz à evidência da conquista e do controle das terras tanto quanto dos homens. Difundir uma percepção simplificada reforça esta ideia ligada à população metropolitana e engloba os colonizados numa divisão territorial grosseira.

Passar de descrições precisas para uma representação simplista e consensual foi trabalhoso, mas procedeu da “geografização das ciências sociais”, na qual participaram geógrafos e sociólogos que, embora em competição disciplinar, optaram pelo mesmo método (a monografia) e o mesmo objeto (o país)<sup>10</sup>. “Cortar a Guiné em quatro” levou algumas décadas antes de se estabelecer como um discurso evidente no final da década de 1920. Da mesma forma que a invenção da “África Negra”, os critérios flutuaram antes das noções geográficas prevalecerem, tornando possível adotar a fraseologia das fronteiras ou das regiões naturais, apoiada de fato pela divisão político-administrativa da colônia<sup>11</sup>.

---

<sup>6</sup> Isabelle Surun, *Geographies de l'exploration: la carte, le terrain et le texte (Afrique occidentale, 1780-1880)*, tese de doutorado em História, Paris, EHESS, 2003.

<sup>7</sup> André Arcin, *La Guinée française: races, religions, coutumes, production, commerce*, Paris, Challamel, 1907; *id.*, *Histoire de la Guinée française: Rivières du Sud, Fouta-Dialo, région sud du Soudan*, Paris, Challamel, 1911.

<sup>8</sup> Roland Pourtier, “Nommer l'espace: l'émergence de l'Etat territorial en Afrique noire”, *L'Espace géographique*, 4, 1983, p. 293-304.

<sup>9</sup> Valentin Mudimbe insiste na estrutura binária, simplificadora, dos paradigmas aplicados à África: *The Invention of Africa: Gnosis, Philosophy, and the Order of Knowledge*, Bloomington, Indiana University Press, 1988, p. 4.

<sup>10</sup> Marie-Vic Ozouf-Marignier, “La monographie de ‘pays’: le conflit entre science leplaysienne et géographie autour d'un monopole (1890-1910)”, *Revue d'histoire des sciences humaines*, 2, 2003, p. 13-35, p. 14.

<sup>11</sup> Odile Georg, “L'Afrique vue de France: un continent eclate, une construction dedoublée”, in Jean-Claude Waquet *et alii* (dir.), *Les Espaces de l'historien*, Strasbourg, Presses universitaires de Strasbourg, 2000, p. 65-89; Camille Lefebvre, “Territoires et frontieres: du Soudan central a la Republique du Niger, 1800-1964”, tese de *Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n. 43, v. 2, p. 191-209, mai-ago, 2021.*

A análise de numerosos textos de viajantes, administradores ou publicações oficiais possibilita acompanhar as etapas de construção. Sem ser exaustivo, o *corpus* utilizado é o maior possível. Inclui obras que lidam com o território todo. Nem todos os escritos podem ser colocados no mesmo nível porque o status deles variam: alguns resultam de um conhecimento pessoal da Guiné; outros são as sínteses de gabinete<sup>12</sup>; alguns são baseados numa reflexão profunda; outros são panfletos de propaganda colonial ou turística. O conjunto permite seguir as etapas e analisar os critérios de classificação, sem negar as modificações ou as hesitações. Os textos apresentam o culminar de um processo cujo caminho intelectual, os raciocínios implícitos ou os debates sucessivos são frequentemente mascarados. Se a teoria dos "países" nunca é mencionada de modo explícito, é ela que sustenta todo o processo.

Primeira evidência: a divisão da Guiné só poderia se realizar após a fixação definitiva das fronteiras coloniais, isto é, nos anos finais do século XIX, após a anexação do Círculo de Faranah, em 1895, a derrota militar do estado de Futa Jalom em 1896 e a integração de toda a "região sul do Sudão" em 1899 (ver documento 3). Esse processo foi interno ao Império Francês no contexto de negociações entre militares e civis. Segunda constatação: uma vez fixadas as fronteiras, a categorização estaria submetida aos imperativos políticos do momento: assim, Futa Jalom não poderia ser encarado como uma única região, desde que Alpha Yaya Diallo, aliado da França, teria dominado a província oriental de Labé; da mesma forma, o extremo sudeste mantém um status à parte como região militar até 1911-1912.

A invenção da quadripartição foi, acima de tudo, prática: organizar a colônia em conjuntos regionais maiores do que os "círculos"<sup>13</sup>, circunscrições administrativas de base. Enquanto a Guiné ainda não havia sequer completado sete anos<sup>14</sup> e a sua conquista ainda era incompleta, um agrupamento fora esboçado, já antecipando os arranjos ulteriores: algumas regiões já se destacam. Encontramos a região marítima (com quatro círculos: Rio Nunez, Rio Pongo, Dubréka, Mellacorée), o Futa Jalom (círculos de Timbo, Labé e Kadé) e a bacia do Níger (círculo de Faranah); o restante é confuso e fragmentado: dois círculos na região

---

doutorado em História, Université Paris-I, 2008; projeto de pesquisa "Frontafrique: absurdité ou enracinement? Nouvelles approches de l'histoire des frontières africaines", CEMAF, Université Paris-I.

<sup>12</sup> Com o emprego de *synthèses de cabinet*, no texto original, a autora buscou fazer referência aos relatórios que os administradores coloniais produziam em seus escritórios. [N. T.]

<sup>13</sup> Esse termo equivale aos *départements* na África Ocidental Francesa, diante dos quais são comandantes de um círculo, uma marca de perpetuação do vocabulário militar.

<sup>14</sup> A Guiné Francesa constituiu-se enquanto colônia em 1893.

*Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n. 43, v. 2, p. 191-209, mai-ago, 2021.*

montanhosa entre a costa e Futa Jalom (Friguiagbé, Ouassou), além dos círculos de Dinguiraye, Kouroussa, Kankan, Kissidougou e Beyla, regiões recentemente anexadas<sup>15</sup>.

O decreto de 18 de maio de 1905, fixando a divisão administrativa da Guiné, apresenta a primeira versão oficial: ele reúne os círculos em seis categorias: Baixa Guiné (Mellacoree, Dubréka, Rio Pongo, Rio Nunez); Labé (Labé, Touba, Yambéring); Futa Jalom (Timbó, Ditinn, Dinguiraye); Alta Guiné (Kouroussa, Kankan, Siguiri); Alto Níger (Beyla, Kissidougou) e "círculos independentes", que se tornam compartimentos com um conteúdo muito heterogêneo porque não são contíguos (Kindia, Coniaguis, Timbis, Faranah) (*Journal officiel de la Guinée*, 1905). Arcin (1907) raciocina da mesma maneira porque se alinha ao decreto citado. Nesta fase, os elementos da classificação são baseados na geografia (altitude ou rio: Baixa Guiné, Alto Níger) ou nas entidades políticas (Futa Jalom, Labé) ou cultural (Coniaguis)<sup>16</sup>. Paulatinamente, o sistema de classificação é refinado e completa-se. O critério mais frequente refere-se aos ecossistemas, mas os autores hesitam entre bi-, tri- e finalmente quadripartição.

As implicações políticas e administrativas da divisão, no início, prevaleciam sobre os critérios naturais: estes não constituem o critério único ou dominante, como mostra a terminologia. Encontramos aqui a abordagem de Vidal de La Blache: "A característica de uma região é, portanto, uma coisa complexa, que resulta da combinação de um grande número de características e da maneira como elas se combinam e se modificam"<sup>17</sup>. As palavras empregadas para designar as regiões combinam os elementos ligados à altitude e à geografia (Baixa, Alta e, mais tarde, Central), à localização (marítima), à vegetação (floresta) ou a um referente político (Futa Jalom). Um paralelo pode ser traçado com o sistema de nomeação dos *départements* franceses. Ao descrever as "grandes regiões naturais" da Guiné, Fernand Rouget, arquivista do Ministério das Colônias, observa, em 1906: "A Guiné Francesa está dividida em duas áreas [*sic*] bem distintas: o país Soussou<sup>18</sup>, isto é, as bacias dos rios costeiros do Rio Nunez à Kolenté ou Grande Scarcie; Futa Jalom, regiões montanhosas e planálticas"<sup>19</sup>.

---

<sup>15</sup> Lucien Marie Francois Famechon, *Notice sur la Guinée française*, Paris, Alcan-Levy, 1900, p. 120.

<sup>16</sup> Povo que se distingue por sua resistência prolongada à dominação. A fronteira entre Senegal e Guiné o separa.

<sup>17</sup> *Atlas general*, prefácio, Paris, Armand Colin, 1894, citado por Marie-Vic Ozouf-Marignier, *op. cit.*, p. 16.

<sup>18</sup> *La Guinée*, notícia publicada pela Exposição Colonial de Marseille de 1922, Montauban, Commissariat de l'AOF/ Imprimerie coopérative Barrier et Cie, 1922, p. 5.

<sup>19</sup> Trata-se de uma área costeira, qualificada, aqui, por sua população dominante, os Susu/Soussou.

Ele relaciona este último com todo o resto da Guiné. A oposição entre a costa e o interior é um modo de categorização frequentemente utilizado pelos europeus. A configuração crescente do território guineense, no entanto, não se presta a essa dicotomia grosseira.

Em 1922, um documento oficial descreve a Guiné: "Três grandes regiões naturais a constituem: a região costeira ou Baixa Guiné, a Região Central e Média Guiné, a região nigerina ou Alta Guiné"<sup>20</sup>. Esta última se apresenta de maneira vaga, uma vez que anexamos a ela a porção sudeste da colônia, observando tanto as particularidades geográficas quanto as climáticas. A conquista militar dos planaltos orientais por tropas advindas do Sudão e não da costa, o controle tardio e difícil do extremo sudeste, o menor conhecimento desta área distante de Conacri, explicam a diferenciação tardia dessas duas regiões e, assim, a hesitação entre três e quatro regiões. Isto é claramente anunciado em um documento de 1924: "A Alta Guiné compreende duas regiões muito distintas: a zona sudanesa e a área florestal"<sup>21</sup>. O reconhecimento separado dessas duas sub-regiões internas, um produto tanto da natureza quanto da história, distante e recente<sup>22</sup>, leva-nos ao número de quatro.

A quadripartição se impõe ao longo da década de 1920, tornando-se o estereótipo da Guiné, conforme desenvolvido pela cuidadosa descrição adotada pela Exposição de 1929, que concluiu:

Finalmente, em razão das fronteiras sinuosas da colônia, a parte da Guiné que faz fronteira com a Libéria e que constitui uma região distinta é muito montanhosa: sua encosta sul é coberta por florestas que, aliás, nem de longe se assemelha à grande floresta da Costa do Marfim; no entanto, denomina-se região florestal<sup>23</sup>.

O texto sempre liga uma região a um relevo, enfatizando a diversidade interna. O exercício das comparações entre as regiões guineenses ou entre a Guiné e as outras colônias, neste caso a floresta da Costa do Marfim, é instrutiva. Por fim, a menção das "fronteiras sinuosas" põe em evidência a complexidade da divisão. De fato, frequentemente encontramos a expressão região dita "florestal".

---

<sup>20</sup> Fernand Rouget, *La Guinée*, notícia publicada pela Exposição Colonial de Marseille, Corbeil, Gouvernement general de l'AOF/E. Crete, 1906.

<sup>21</sup> *La Guinée française en 1924*, supplement illustre du *Courrier colonial: organe de Madagascar et des colonies de l'Océan indien*, 25 mars 1924, p. 11-12.

<sup>22</sup> Pode-se assinalar o império de Samori Toure (1860-1890) ou a resistência das construções estatais da área florestal.

<sup>23</sup> *La Guinée française*, Paris, Gouvernement général de l'AOF/Agence économique de l'AOF/Ed. coloniales Larose, 1929, p. 1-2.

*Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n. 43, v. 2, p. 191-209, mai-ago, 2021.*

Durante a Exposição Colonial Internacional em Paris em 1931, a divisão em quatro regiões da Guiné foi apresentada como evidência em si<sup>24</sup>. Essa divisão, então, tornou-se uma norma. A categorização é necessariamente cortada de modo grosseiro: imprudente seria quem defendesse a evidência natural dos limites entre as regiões no campo. Além disso, para completar o quadro, outros elementos de caracterização foram adicionados aos critérios da geografia física e da climatologia, de maneira igualmente simplista. O traço é assim reforçado, buscando fazer com que a divisão regional coincida com um povo, o que é mais árduo.

### **Da natureza à etnia**

Os fatores ecológicos dominantes não são suficientes para assentar a visão da Guiné: cada região é apresentada como um todo humano coerente, uma “unidade social”, de acordo com os termos de Paul Vidal de La Blache, que, numa situação colonial, assume uma conotação étnica. A abordagem é a mesma para as características físicas: passamos de uma consciência da extrema diversidade a uma extrema simplificação, cujas etapas podem ser seguidas. No entanto, o lado linear do processo não deve ser enfatizado, porque, se alguns autores mantêm sua originalidade, a quadripartição cumpre bem sua função ideológica. Não há nada de surpreendente no envolvimento de dados etnológicos na categorização colonial<sup>25</sup>. Toda abordagem é sustentada tanto pelo estado da disciplina (noções de mestiçagem, de “raça” ou de pureza) quanto pelos conhecimentos linguísticos ou históricos da época (geralmente parciais ou errôneos).

Encontramos na Guiné um número considerável de raças que falam dialetos distintos. Listar todos eles seria tedioso, especialmente porque nenhuma dessas raças é pura, e cada uma é amplamente misturada por ligações com as raças vizinhas. No entanto, elas podem ser agrupadas em três categorias principais correspondentes às três grandes regiões naturais do país: os Soussous na Baixa Guiné, os Fulas na Guiné Próximo, os Malinkês na Alta Guiné<sup>26</sup>.

Na lógica ainda tripartida desta instrução, os Malinquês são associados "aos Coniaguis próximos de Kadé" e "aos Kissians, os Tomas, os Guerzes e os Manons, povos que vivem na floresta ao lado da fronteira liberiana".

---

<sup>24</sup> *La Guinée*, notícia publicada pela Exposição Colonial Internacional de 1931, Paris, Gouvernement géenéral de l'AOF/Société d'editions géographiques, maritimes et coloniales, 1931, capítulo 2.

<sup>25</sup> Ver, por exemplo, Joel Glasman, “La classification ethnique du Sénégal”, memória do domínio, sob a direção de Jean-Louis Triaud, Université Aix-Marseille-I, 2002.

<sup>26</sup> *La Guinée française en 1924*, *op. cit.*, p. 7.

*Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n. 43, v. 2, p. 191-209, mai-ago, 2021.*

Este texto expressa, na sequência, a ambivalência entre a consciência da multiplicidade e o movimento de simplificação, sem nenhuma lógica linguístico-cultural para os povos do extremo sudeste da Guiné. A transição para a quadripartição colocou-se como um dado e foi praticada no ano seguinte:

A Guiné, se considerarmos apenas as raças predominantes, pode ser dividida em quatro grandes regiões: a região costeira, a Futa Jalom, a região nigerina e a área florestal. Esta divisão é sobretudo esquemática, porque em nenhuma das regiões que acabamos de listar existem raças absolutamente puras<sup>27</sup>.

A obra de 1931, em seu segundo capítulo, praticamente copia este texto que mostra as heranças e a impossibilidade de raciocinar de maneira linear.

A assimilação entre uma região e um povo dominante não se evidenciava por si só, porque contradizia as informações disponíveis sobre diversidade cultural e, muitas vezes, a própria política colonial que, em diferentes escalas, tentava dividir para reinar. Assim, em 1929, os habitantes da costa são catalogados ("os Soussous ou Dialonquês, os Bagas, os Timenés, os Mandês, os Nalus"), assim como os da floresta ("os Quissis, os Tomas e os Guerzés"), enquanto que Futa Jalom vincula-se unicamente aos "Fulas ou Fulânis", e a Alta Guiné aos "Malinquês".

A equação entre uma região e um povo implica não apenas distorcer as realidades humanas, mas também "inventar" etnias<sup>28</sup>, como no caso dos "silvicultores", o nome usual para as populações da área florestal. Vistos de Conacri, a mais de oitocentos quilômetros, os povos originários desta área pareciam bastante diferentes dos outros guineenses e suficientemente parecidos entre eles para serem categorizados conjuntamente. Além disso, a administração em geral, e os colonizadores em particular, não gostam de se preocupar com números pequenos. Ora, os habitantes das regiões mais remotas, incluindo o sudeste florestal, migravam em pequenos grupos para o litoral. Por sua vez, esta associação supraregional serviu às populações florestais porque lhes permitia ter mais peso nas relações de poder local ou nacional e falar, em algumas circunstâncias, com uma só voz. Portanto,

---

<sup>27</sup> "La Guinée française", *La Vie technique, industrielle, agricole et coloniale*, hors série, 1, 1923, p. 5. O texto evoca as "invasões", os "choques" entre populações.

<sup>28</sup> Benedict Anderson, *Imagined Communities: Reflections on the Origin and Spread of Nationalism*, Londres, Verso, 1983; trad. fr., *id.*, *L'Imaginaire national: réflexions sur l'origine et l'essor du nationalisme*, tradução do inglês por Pierre-Emmanuel Dauzat, Paris, La Découverte, 1996, 2002; Jean-Loup Amselle et Elikia M'Bokolo (dir.), *Au coeur de l'ethnie : ethnies, tribalisme et Etat en Afrique*, Paris, La Découverte, 1985 ; Jean-Pierre Chretien et Gerard Prunier (dir.), *Les Ethnies ont une histoire*, Paris, Karthala-ACCT, 1989.

*Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n. 43, v. 2, p. 191-209, mai-ago, 2021.*

poder-se-ia intitular "silvicultores" fora da região, mas se afirmando, localmente, Loma, Kpelle, etc.<sup>29</sup>: questão de perspectiva e de circunstância.

Categorizar implica esquematizar as realidades e minimizar as diferenças. Portanto, não surpreende que encontremos, paralelamente à quadripartição simplista, a enunciação de hesitações e nuances, enquanto os dois discursos não atendem aos mesmos objetivos ou não circulam nas mesmas esferas. Assim, um dos primeiros folhetos turísticos apresenta as quatro regiões como uma evidência: "Um país com aspectos infinitamente variados, a Guiné Francesa oferece ao viajante quatro áreas principais: a costa, a montanha, a savana, a floresta"<sup>30</sup>. Ao contrário, na mesma época, o diretor do Instituto Francês da África Negra (IFAN), em Conacri, atesta uma realidade mais complexa, depois de ter mencionado "as quatro regiões naturais"<sup>31</sup>. Da mesma forma, o censo demográfico de 1954 evoca "quatro regiões notadamente diferenciadas", mas, algumas páginas depois, a classificação equilibra essa afirmação, introduzindo a noção de "círculo de transição" entre duas regiões<sup>32</sup>. A quadripartição se tornou, em todos os casos, o quadro de referência, tanto na brochura, que simplifica, quanto num texto científico, que detalha.

Uma última evolução marca o processo: o deslocamento das categorias descritivas para a esfera política. A organização associativa ou partidária em função das divisões étnicas ou regionais foi na realidade uma das engrenagens, parcial ou esporádica, da política. De associações de migrantes, agrupando-se por solidariedade ou de associações de jovens<sup>33</sup>, passamos a movimentos políticos que expressam uma especificidade regional. Dentre as primeiras associações está a "Amicale Gilbert-Vieillard", criada em 1944 em Futa Jalom. Tomando o nome de um administrador falecido em 1940, apaixonado pela cultura Fulani, esta associação defende os interesses locais. Desde a autorização dos partidos, em 1946, foi observada a etnicização manipuladora da política. A administração colonial, a fim de impedir a ascensão da Assembleia Democrática Africana (RDA, fundada em Bamako em outubro de 1946) e da sua variante, o Partido Democrático da Guiné (PDG)<sup>34</sup>, desencadeou movimentos

---

<sup>29</sup> Toma et Guerze, respectivamente, do tempo da colonização.

<sup>30</sup> Sindicato de iniciativa e de turismo da Guiné Francesa, no início dos anos 1950.

<sup>31</sup> Maurice Houis, *La Guinée française*, Paris, Ed. maritimes et coloniales, 1953, p. 6.

<sup>32</sup> "Enquete démographique en Guinée, 1954-1955", Paris, Ministère de la France d'outre-mer, 1956-1958.

<sup>33</sup> Salão da juventude da Baixa Guiné, juventude do Futa etc. Essas associações de Conacri coexistem com grupos com objetivos esportivos ou culturais, sem referência regional.

<sup>34</sup> Sekou Toure, futuro presidente-ditador da Guiné, participa de sua criação em 1947, tendo sido secretário geral, de 1952 a 1984.

*Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n. 43, v. 2, p. 191-209, mai-ago, 2021.*

regionalistas<sup>35</sup>. Assim, nasceram oficialmente, em 1946, a União Florestal, a União (ou Comitê) da Baixa Guiné, a União Mandinga ou União dos Mandês. Na fase de aprendizado eleitoral, essa identificação tentava às vezes os cidadãos, muitas vezes guiados por chefes instruídos na administração. Esse processo ajudou a consolidar alguns antagonismos, mas não podemos sistematizá-lo<sup>36</sup>.

A quadripartição permitiu propor uma visão simples de um país criado com “a pinça colonial” para fins de apresentação administrativa, promocional ou turística, fenômeno, afinal de contas, bastante clássico. Além disso, essa divisão não veio do nada; é claramente informada pelas memórias locais ou as estratégias de alguns grupos ou indivíduos e atravessada pelas orientações dadas pelos próprios colonizados. Podemos, assim, detectar continuidades ou semelhanças entre a categorização anunciada como colonial e as divisões anteriores: oposições entre antigas entidades políticas vizinhas (estado teocrático de Futa Jalom/Império de Samori Touré; domínio inicial da Samori Touré/organizações políticas da floresta); contraste entre zonas da antiga islamização (especialmente no centro e no leste) e zonas de conversão recente ou localizadas fora da esfera muçulmana; confronto entre regiões predatórias e regiões que fornecem escravos ou justaposição de ecossistemas (cola da floresta, sal da costa, gado do centro, etc.). Nessa perspectiva, a categorização colonial, longamente ignorada pela massa de colonizados, mas enxertada em representações anteriores, reacende sentimentos de pertença ancorados localmente. Pode ser visto como um passo em direção à consciência e à identidade nacionais, um dos estágios constitutivos da representação da nação.

O fim da colonização não assinou, de fato, o desaparecimento da quadripartição que conhece diferentes avatares no discurso e nas práticas contemporâneas.

### **Perpetuar a "invenção" colonial**

O website da Embaixada da Guiné na França declara: "Quatro regiões naturais a compõem: a Baixa Guiné ou Guiné marítima, Guiné Central, a Alta Guiné e a Guiné

---

<sup>35</sup> Para uma análise da luta pela independência, ver, especialmente, em ordem cronológica: Ruth Schachter Morgenthau, *Political Parties in French-Speaking West Africa*, Oxford, Clarendon Press, 1964; Jean Suret-Canale, *La République de Guinée*, Paris, Ed. sociales, 1970; Elisabeth Schmidt, *Mobilizing the Masses: Gender, Ethnicity and Class in the Nationalist Movement in Guinea, 1939-1958*, Portsmouth, Heinemann, 2005; *Cold War and Decolonization in Guinea, 1946-1958*, Athens, Ohio University Press, 2007; Andre Lewin, *Sekou Toure: president de la Guinée (1922-1984)*, Paris, L'Harmattan, 2009-2010, 7 vol.

<sup>36</sup> Aqui, não abordaremos a etnicização do político após a independência.

*Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n. 43, v. 2, p. 191-209, mai-ago, 2021.*

Florestal”<sup>37</sup>. Esta representação da Guiné não se limita aos documentos administrativos ou às descrições para uso externo; ela também permeia o discurso popular. Manter a quadripartição, no entanto, não implica uma continuidade desde a independência.

É necessário maior cuidado metodológico, devido a ampliação do corpus potencial. Sob a colonização, a categorização resultava dos esforços da administração, cujas ideias foram alimentadas pela elaboração descritiva de escritores, pesquisadores ou publicistas. Para a Guiné independente, não se pode negligenciar o papel das influências externas na escolha de categorias. No entanto, mesmo que seja fundamental diferenciar os escritos de acordo com sua origem, o autor e o seu status, é difícil dominar sua pré-história. Esta análise, que não pode ser exaustiva, propõe seguir o futuro da quadripartição. Toca nos planos textual ou visual, institucionais ou simbólicos, num emaranhado entre o período de Sékou Touré (1958-1984), que mostra vontade de romper com o passado colonial, e aquele de Lansana Conté, presidente militar (1984-1993) e, depois, civil (1993-2008).

O grandiloquente “não” da Guiné de 1958 não foi suficiente para fazer tabula rasa do passado e Sékou Touré assumiu elementos da herança colonial. Assim, ele lidou com a ambiguidade entre o uso da quadripartição e sua superação.

A Guiné, em ruptura com a França, precisava de um reconhecimento internacional. Nesta perspectiva, diversas obras destinadas ao exterior foram editadas em inglês, alemão e francês. Ricamente ilustradas, elas apresentam uma imagem da Guiné em conformidade com a categorização anterior. A divisão se disseminou, de modo semelhante, nos discursos do PDG ou ao nível internacional, como parte dos planos de desenvolvimento em 1960 ou das delegações ministeriais de 1964 a 1975.

Ao mesmo tempo, para construir a nação, Sekou Toure enfatizou o que unia os guineenses (o anti-imperialismo, o socialismo), e não as divisões, pelo menos no nível retórico<sup>38</sup>. O PDG, marcado pelo pan-africanismo, transcendia as diferenças regionais, numa relação dialética entre etnia e nação: "Nenhum grupo étnico poderia sobreviver se a nação percesse sob a ação dissolvente das particularidades étnicas”<sup>39</sup>. O hino guineense, combinando um ar composto a partir de uma canção de louvor ao líder fula, Alpha Yaya, e

---

<sup>37</sup> <http://www.ambaguinee-paris.org/> (automne 2009).

<sup>38</sup> Poder-se-ia, aqui, fazer uma análise precisa do regime que, por sua obsessão por conspirações, acentua os antagonismos. O apogeu foi a repressão quando da agressão portuguesa em 1970 e a “conspiração fula” de 1976, seguida da morte no campo Boiro de Diallo Telli, primeiro representante da Guiné nas Nações Unidas.

<sup>39</sup> Sekou Toure, *La Lutte du Parti démocratique de Guinée pour l’émancipation africaine: le pouvoir populaire*, Conakry, Imprimerie nationale, 1968, t. XVI, p. 10.

*Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n. 43, v. 2, p. 191-209, mai-ago, 2021.*

o virtuosismo do compositor Malinquê, é sintomático desse desejo de não se restringir aos grupos étnicos. A tensão entre unidade nacional e especificidades regionais, também ilustrada por competições artísticas, destinavam-se a promover as culturas "tradicionais" e a criatividade contemporânea. As tropas selecionadas regionalmente participaram do festival nacional de Conacri<sup>40</sup>. Era uma questão de criar a nação, num movimento de hibridização unificadora. Assim, o Conjunto Instrumental tocou músicas de toda a Guiné: epopeias mandingas, canções da Baixa Guiné, melodias do kora mandê, notas da flauta pastoral dos fulas, etc. Da mesma forma, as orquestras nacionais (*Kélétigui et ses Tambourinis, Balla et ses Baladins, Bembeya Jaz*) ajudaram a fundar a música guineense moderna, símbolo da Revolução.

No geral, constata-se a permanência da quadripartição, com fins internos e externos, misturado com os elementos de defesa na unidade nacional. Assim, os demógrafos apresentaram o censo de 1983 de acordo com as quatro regiões naturais em virtude do seguinte argumento: seriam entidades ecológicas e socioculturais mais homogêneas do que os sete comissariados gerais da Revolução ou as províncias da divisão administrativa em vigor. A adoção da repartição usual, por sua vez, mostra a persistência desta categorização e o impacto dos organismos internacionais que financiam a operação<sup>41</sup>. No mesmo ano, um documento oficial acrescentou: “A Guiné, possuidora de uma grande variedade de climas, pode ser dividida em quatro regiões principais”<sup>42</sup>.

O paradigma das quatro regiões permanece, assim, durante a Primeira República e continua o seu caminho sob Lansana Conté, dentro e fora do país, pelos especialistas ou divulgadores. De Bernard Charles em 1963 (“circulando no país, distingue-se, com facilidade, quatro principais regiões naturais”<sup>43</sup>) ou Jean Suret-Canale em 1970 ao dicionário histórico

---

<sup>40</sup> Briec van de Wiele, “La Politique culturelle de l’Etat guinéen: un exemple de nationalisme culturel”, memória de domínio, Université Paris-VII, 2004; Jay Straker, *Youth Nationalism and the Guinean Revolution*, Bloomington, Indiana University Press, 2009.

<sup>41</sup> Censo Geral da População e da Habitação (RGPH), fevereiro de 1983. Análise dos resultados definitivos, Conacri, dezembro de 1989 (Ministério do Planejamento e da Cooperação Internacional). Nenhum censo oficial havia sido feito desde os anos 1950.

<sup>42</sup> *Guinée-Festival*, Conakry, Comissão Cultural do Comitê Central, 1983, p. 12.

<sup>43</sup> Bernard Charles, *Guinée*, Lausanne, Ed. Rencontre, 1963, p. 177-179. Nessa notícia redigida para a Enciclopédia Universal e publicada em 1994, este autor propõe uma visão cambiante das divisões “dos povos diversos” e da complementaridade das regiões.

*Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n. 43, v. 2, p. 191-209, mai-ago, 2021.*

Thomas de O'Toole (1978-2005)<sup>44</sup>, de André Lewin (1984)<sup>45</sup> à Djibril Tamsir Niane (1986-1995)<sup>46</sup> passando pelos documentos oficiais, a divisão da Guiné em quatro é o método mais difundido. Nos anos 90, encontra-se tanto em livros destinados a um grande público (guias turísticos, obras populares<sup>47</sup>) quanto em sites governamentais ou em publicações semioficiais<sup>48</sup>. O Ministério da Economia, das Finanças e do Planejamento apresenta o país da seguinte forma: “A Guiné é composta por oito (8) regiões administrativas e por quatro (4) regiões naturais”<sup>49</sup>. O texto, no entanto, enfatiza os aspectos geográficos e seu impacto nos “modos de vida” e ilude o vínculo específico entre uma região e um povo. Manifestamente, este esquema serve, principalmente, como um quadro satisfatório à apresentação de dados.

Paralelamente, uma proposta simbólica ancora as quatro regiões nas representações populares. Isso é refinado por associações mentais ou visuais, dentre as quais figuram a busca por heróis regionais e a feminização da região.

A valorização da resistência ao imperialismo leva à glorificação de uma figura de resistência por região, correndo o risco de perturbar a história. Assim, Samori Touré passa da representação nacional à escala regional. Ele simboliza, em primeiro lugar, a luta de toda a Guiné, tocando sua filiação com Sékou Touré<sup>50</sup>. Então, ao mesmo tempo que mantinha sua estatura nacional, até mesmo panafricana, Samori fora associado à Alta Guiné, o centro de seu Estado. Isso significava silenciar os abusos pelos quais ele era responsável nas regiões vizinhas e os fracassos que sofreu no expansionismo para o sul. Um grande esforço foi feito para encontrar um herói dominante em outro lugar também. Como em qualquer abordagem desse tipo, a invenção de uma figura central ou a transferência dos benefícios da resistência a um único herói envolve reescrever a história e negar os conflitos internos. Por exemplo,

---

<sup>44</sup> Da primeira edição, de 1978, à quarta, de 2005, ele apresenta quatro regiões (Upper Guinea, Lower Guinea, Middle Guinea, Forest Region).

<sup>45</sup> André Lewin, *La Guinée*, Paris, PUF, “Que sais-je?”, 1984, p. 11 (géographie physique), mais, pages 18 *sq.*, a parte sobre a geografia humana apresenta maior complexidade.

<sup>46</sup> Djibril Tamsir Niane, *Géographie de la Guinée*, Paris, Nathan, 1986; *id.*, *La République de Guinée*, Conakry, SAEC, 1995.

<sup>47</sup> Muriel Devey, *La Guinée*, Paris, Karthala, 1997, p. 17, 2009, p. 13; *Guinée. Guinée-Bissao*, Paris, Nouvelles Éditions de l'Université, “Petit fute”, 1999, p. 48.

<sup>48</sup> Chantal Colle (dir.), *Guineoscope*, Conakry, Chantal Colle conseils, 1997, p. 18; “Son paysage riche et varié est reparti entre quatre régions naturelles, chacune ayant une empreinte culturelle particulière” (*Cinquantenaire Guinée, 1958-2008*, programa Conacri, Presidência da República, 2008, p. 3).

<sup>49</sup> As estatísticas foram organizadas com base nas quatro regiões. Ver <http://www.stat-guinee.org/> (consulta em 2008 e 2010).

<sup>50</sup> A tradição diz que Sekou Toure descendeu de Bagbe Ramata Toure, umas das filhas de Samori Toure. *Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n. 43, v. 2, p. 191-209, mai-ago, 2021.*

Alpha Yaya Diallo, chefe da diwal de Labé, personagem histórico complexo passou a simbolizar todo a Futa Jalom como o arquétipo da resistência, enquanto colaborava com os franceses para estabelecer seu poder pessoal<sup>51</sup>.

Da mesma forma, Dinah Salifou, soberano no Rio Nunez, que oscila entre aliança com os franceses e resistência, resumiu, sozinho, a resistência costeira, apesar de que seu poder era localizado. A fragmentação cultural e política dos rios do Sul, a suserania teórica do Estado de Futa Jalom em certas áreas, bem como a idade das reivindicações francesas no litoral, tornaram claramente a escolha de uma única figura uma espécie de truque histórico, mas que garantiu a igualdade das regiões que, sob vários aspectos, teriam resistido de uma só voz.

O caso da área florestal é tão complexo quanto, já que, não mais que em outros lugares, nenhum povo pode reivindicar e incorporar toda a região e sua história. O regime do PDG apresentou, contudo, um único chefe, Nzebela Tokpa Pivi<sup>52</sup> da área loma, versão contestada por vários historiadores<sup>53</sup>.

Assim, seja qual for a região, a atribuição ao chefe de uma figura única de resistência vem de uma invenção ideológica, mas permite igualar as quatro regiões<sup>54</sup>.

A espiral simbólica também recorreu ao visual, a fim de fortalecer a associação entre uma região e um povo e, neste caso, uma mulher. De acordo com as "cenários e tipos" do imaginário colonial, as mulheres (mais precisamente os estereótipos DA mulher) simbolizavam as populações. A Guiné dispunha de um grande conjunto de imagens, produzidas ao longo das décadas, que transmitiam a hierarquização da etnologia colonial. Nesse contexto, um estereótipo de Futa Jalom era particularmente apreciado: o dos aristocratas Fulani que usavam o penteado de crista. Este ícone aparece nas notas emitidas em 1958 e 1960. Desapareceu com a reforma substituindo o sili, nova moeda, pelo franco guineense em 1971. Desde 1985, por outro lado, as notas emitidas pela Segunda República

---

<sup>51</sup> Seu desejo de real independência incorreu em sua eliminação política definitiva pelos franceses em 1911. Ele é objeto de muitas peças de teatro e aparece em notas emitidas em 1971 e 1980.

<sup>52</sup> Existem várias grafias: N'Zegbela Togba Pivi, Zebela Tokpa Pivhi, etc. Os Loma foram, então, chamados Toma. Dentre os numerosos chefes de Guerra e dirigentes da região, foi ele cujo desenvolvimento coincidiu com o avanço francês, o que explicaria sua escolha.

<sup>53</sup> Facinet Beavogui, *Les Toma (Guinée et Libéria) au temps des négriers et de la colonisation française*, Paris, L'Harmattan, 2001; Domi Jean-Marie Dore, *La Résistance contre l'occupation coloniale en Région forestière, 1800-1930*, Paris, L'Harmattan, 2005; Michael McGovern, "Unmasking the State: Developing Modern Political Subjectivities in 20th Century Guinea", PhD, Emory University, 2004.

<sup>54</sup> Ao mesmo tempo, os heróis do pan-africanismo e do anti-imperialismo se tornaram numerosos, de Soundiata Keita (século XV) a Kwame N'Krumah, de Ho Chi Minh a Tito.

*Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n. 43, v. 2, p. 191-209, mai-ago, 2021.*

vêm assumindo a quadripartição: quatro rostos femininos estão entre as seis notas. Cada estereótipo feminino, no entanto, está associado a um objeto de outra região, uma maneira de se abrir para a nação guineense e de se inscrever nas culturas locais, baseando-se, especialmente, na cultura Baga<sup>55</sup>. Assim, declinam-se em valores decrescentes (mas deveríamos ver um sentido?): a aristocrata fula, na nota de 5.000 NFG, anexado a uma nimba, célebre estátua baga (consulte o documento 4); uma mulher susu (1.000 NFG) com um tambor susu, uma mulher de malinquê (500 NFG) com um tambor baga carregado por um cavalo, uma mulher da região florestal (100 NFG) associada a outra estátua baga. Em 1998, as notas foram alteradas, mas os mesmos rostos femininos foram mantidos. Assim, as notas servem como publicidades familiares para a quadripartição, pois são usadas cotidianamente e circulam de mão em mão por todo o país.

As mulheres, que representam os quatro povos, inclinam-se ao lado da nação na diversidade ou reforçam a percepção de oposições internas manipuladas por atores políticos? Esta representação da Guiné, extrapolação da noção inicial de "país", ainda é um consenso, mas é apenas uma modalidade entre outras. Iniciada com a colonização, ela resiste à independência, reforçada por um sistema simbólico: cada região tem seus clichês. A divisão de um país em bases sociogeográficas não é, evidentemente, uma especificidade da Guiné. Em alguns casos, a oposição binária entre a costa e o interior se impôs e, seguindo critérios histórico-culturais, resultou em formas de divisão mental com implicações políticas<sup>56</sup>. Ora, é importante explicar os simulacros do patrimônio colonial, especialmente num contexto onde, sob a influência de conceitos internacionais (governança, cidadania participativa, *agency*, *empowerment*), estes tendem a desaparecer no nível explícito, sem que se tenha feito o questionamento da impregnação mental anterior. O historiador traz à luz o lado construído e performativo das categorias, denunciando simultaneamente as tentações essencialistas que mascaram as intenções dos criadores. Isso possibilita demonstrar as implicações de uma categorização historicamente datada, sua ancoragem nas percepções contemporâneas e seus usos políticos.

---

<sup>55</sup> Frederick Lamp, *Art of the Baga: A Drama of Cultural Reinvention*, New York, Museum for African Art, 1996. Os Bagas constituem um dos povos da Guiné Costeira, reconhecidos por sua prática da rizicultura e por suas esculturas. La "nimba" (ou D'mba), máscara feminina, tornou-se um dos símbolos da Guiné.

<sup>56</sup> Sob uma outra forma, a tentativa em 1970, no Reino do Daomé (que se tornou Benin, em 1975), de um governo com três comandos, representando o norte, o centro e o sul, ilustra esse ponto.

A apropriação por intermédio da publicidade dessas categorias banaliza os estereótipos, veicula as mensagens implícitas para todos os guineenses e pode contaminar a política. Depois do malinquê Sekou Toure e o susu Lansana Conte, a aquisição de poder pelo guarda florestal Moussa Dadis Camara, no final de 2008, foi percebido como uma alternância lógica, na espera da chegada da quarta força ao poder<sup>57</sup>.



1. *Outdoor* da campanha publicitária de telefone Sotelgui, Conacri, 2008.

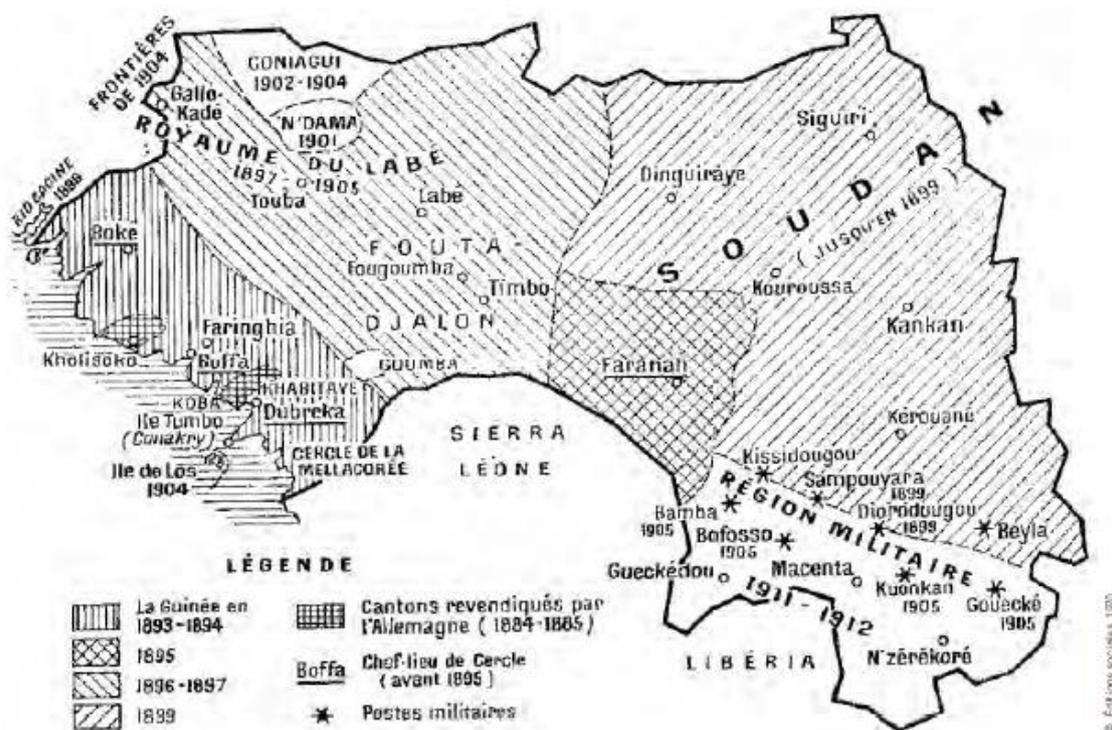
---

<sup>57</sup> Esta temática esteve no centro da Campanha Eleitoral de 2010, na qual dois candidatos concorreram no segundo turno, percebidos, respectivamente, como de malinquê e fula. Gostaríamos de agradecer a Bernard Charles, Mike McGovern e Jean-Louis Triaud por suas valiosas informações e críticas construtivas a este artigo. *Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n. 43, v. 2, p. 191-209, mai-ago, 2021.*



2. Uma representação da Guiné, Conacri, 2008.

Cortar a Guiné em quatro ou como a colonização imaginou a África. Odile Georg, Tradução: Bernard Teixeira Coutinho.



3. A conquista da Guiné (Jean Suret-Canale, *La République de Guinée*, Paris, Éditions sociales, 1970).



4. Uma ilustração em circulação: a “mulher com crista” no papel-moeda.

Submetido em: março de 2020.

Aceito em: junho de 2020.